



CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – 04-2016 –

Outubro - Dezembro- 2016

COMISSÃO
MINEIRA DE
FOLCLORE



Feliz Natal



50^a

Semana
Mineira
de Folclore
1966 - 2016

Solenidade de Abertura
da 50ª Semana Mineira de Folclore

Data: 13/08/2016 - Sábado
Horário: 08h30 às 12h00
Centro Cultural Salgado Filho



Editorial

Feliz 2017!

O ano de 2017 nos bate à porta. Toc... toc... toc... Seria o lobo mau?

Sei lá, ouço sinos anunciando o novo ano. É melhor assim.

A Comissão Mineira de Folclore celebrará, no dia 19 de fevereiro do próximo ano, sessenta e nove anos. Isto nos faz olhar para trás. E surge uma pergunta insistente:

O que sabemos de nosso passado, o que mantemos por tradição?

Insisto nas duas palavras: **passado** e **tradição**.

O **passado** pode ser recuperado de duas maneiras: pelos registros escritos, fotografados, gravados, filmados; ou pela memória dos que viveram momentos e instantes que se tornaram relevantes e julgaram importante relatá-los para os que não viveram tais situações, sendo ou não coetâneos ou contemporâneos. No que importa do segundo modo de recuperação, há que distinguir também oportunidades diferentes de acesso aos relatos do passado vivido. A primeira oportunidade se caracteriza pela insistência de quem viveu tomar essa vivência como imperativo narrativo para quem não viveu. A segunda oportunidade tem a marca da curiosidade de quem não viveu e quer saber desse passado.

A recuperação de vivências do passado pelo acesso de quem viveu instantes e momentos caracteriza a **tradição**. Tradição é, portanto, processo e não produto.

Considerada **tradição** como processo, há que entendê-la como o caminho mais curto para o desenvolvimento do saber humano no contexto das relações pessoais. Vale lembrar que qualquer tradição pode ser registrada em alguma linguagem codificada, mas sua decifração – ou decodificação – exige a compreensão dos códigos que a estruturam. Nossa humanidade ainda não descobriu como gerar “saber infuso”. Ora, a decifração de relatos registrados ainda exige relações pessoais. É delicioso o relato de Heródoto sobre o problema formulado pelo faraó para decifrar se os egípcios eram ou não o povo mais antigo da humanidade. O experimento crucial imaginado pela criatividade do faraó foi de submeter uma criança do “povo” a um isolamento total, até que pronunciasse por conta própria as primeiras palavras, após a fase de balbucios que marcam o desenvolvimento infantil. Se a palavra fosse de raiz egípcia, significava que a língua natural e primordial da humanidade surgira no Egito e toda a humanidade começara nessa terra. Se fosse diferente, dizia que os egípcios não eram um povo que dera origem à humanidade. Segundo Heródoto a criança

submetida ao experimento ao pronunciar as primeiras palavras o fez em língua frígia e o faraó se convenceu de que o povo frígio era mais antigo do que os egípcios.

Ora, esse experimento moderníssimo do faraó, tinha embutida a convicção de que os códigos das estruturas linguísticas são inatos. Sem essa crença, Jean Piaget desenvolveu todos seus estudos sobre o desenvolvimento da criança em face ao mundo das estruturas cognitivas e comunicativas.

Esta pequena digressão tem como objetivo defender o que é missão dos que aderem ao movimento dos folcloristas: A decifração dos códigos estruturantes dos relatos registrados somente se torna efetiva por relações pessoais, vale dizer **tradicionais**.

Nós da Comissão Mineira de Folclore defendemos como verdade que os processos marcados pela tradição são fulcro do poder de apropriação da própria história. Defendemos mais, toda história narrada por registros exige contrastar com a história apropriada pela tradição. E acrescentamos que todo registro histórico não validado por uma tradição somente se constitui como “linguagem de segundo andar”, ou forma de vida vicária – como lembra Ortega y Gasset na obra *Responsabilidad de la inteligencia*. Ampliamos mais ainda: a supressão da apropriação da própria história por registros vicários impõe amnésia da história vivida com os respectivos recursos característicos das relações tradicionais.

Esta tem sido nossa ocupação – não preocupação – constante ao longo de 69 anos. O primeiro caminho do movimento dos folcloristas em Minas Gerais e no Brasil é pensar a Educação e sua relação com a tradição como processo – não como produto. E compreender também como construímos nossa própria história pela tradição dos que nos precederam. Isto favorece compreender o que dizem de nós os que registraram nosso passado. A metáfora das raízes diz mais do que querem os que se dedicam à recuperação do passado perdido. Muitos movimentos pela afirmação étnica se enquadram nesse equívoco em nome de uma diversidade étnica perdida.

Vale lembrar esta afirmação de Gaston Bachelard: “Não se trata de *repetir* que a mesa é branca; trata-se de *descobrir* ou de *fazer descobrir* que a mesa é branca”. [*La dialéctica de La duración*. Madrid; Villalar, 1978; p. 28]

José Moreira de Souza

Artigos

De magos a reis; de Reis a Santos.

Vivam os Santos Reis

José Moreira de Souza

Apresento-lhes Affonso dos Reis. De fato ele se chama Affonso Maria Furtado da Silva, mas, tornou-se dos Reis. É o nome mais apropriado para quem se tornou o maior especialista em todas as Américas do culto e devoção aos Santos Reis.

Pois bem, Affonso me deu um dever de casa dos mais desafiadores. Escrever um artigo sobre a dedicação de igrejas aos Santos Reis. Affonso sabe que, em determinado momento, surgiram igrejas de Santos Reis; que as relíquias dos Santos Reis foram objeto de disputa e migração pela Europa medieval até a modernidade; que determinadas igrejas consagradas aos Santos Reis perderam o nome de seu orago e foram consagradas a outros santos; enfim, sabe tudo. Tem como símbolo o Forte do Reis Magos, cataloga cada templo consagrado a essa devoção, dialoga com todos os embaixadores que realizam anualmente os rituais de celebração desse mito. Nessa condição, eu, pobre conhecedor das folias de reis, mal e mal posso trazer para o leitor alguma contribuição a não ser de confessar publicamente minha grande ignorância.

Este artigo recupera alguns estudos do Mestre Affonso do Reis. Começo com destaque a artigo publicado por ele em nosso Carranca edição de janeiro de 2001. Depois disso, Affonso publicou um livro com informações sobre as fontes mais importantes para estudo da Devoção dos Santos Reis. Eis o que afirma no referido artigo:

O famoso livro do Padre Guilherme Porto, “as Folias de Reis no Sul de Minas” – Prêmio Silvio Romero de 1977 – FUNARTE – Rio de Janeiro-RJ, 1981, destaca o tema fascinante das folias de reis dessa região mineira, incluindo Alfenas. [Affonso destaca, porém, que, o autor premiado que se tornou bispo, não menciona a igreja de Santos Reis de Alfenas e comenta em seguida]. Na região do sul de Minas Gerais havia sido identificada uma incomum concentração de igrejas de Santos Reis, destacando as localidades de Passos, Poços de Caldas, Paraguassu, Machado, Três Corações, Guaxupé, Arceburgo, Conceição da Aparecida, Alpinópolis, Monte Santo de Minas e Alfenas. De todas as citadas, a de Alfenas revelou-se a mais antiga e, digamos assim, com sua origem e história encobertas por dados obscuros e contraditórios.

No mesmo artigo, Affonso ainda faz referência às igrejas de Santos Reis de Batatais, em São Paulo, e de Montes Claros no norte de Minas Gerais. O dado intrigante desse autor tem a ver com o fato de o padre não designar a igreja da cidade de Alfenas como dedicada aos Santos Reis.

Em trabalho apresentado em 2010 no 5º Colóquio do Polo de Pesquisa sobre relações Luso-brasileiras, Affonso faz

referência a sua obra mais ambiciosa intitulada “*Reis Magos: História, Arte e Tradições*” 2006. É sem dúvida, o roteiro mais importante de pesquisa sobre a celebração da devoção aos Santos Reis. Porém, para elaboração deste artigo, Affonso me repassou ampla base bibliográfica da qual merece destaque trabalho publicado há cem anos pela revista “*Diocesi de Milano n° 1, 1917*”, sob o título de “*Il culto dei Rei Magi nella tradizione ambrosiana*” p. 50-56.

O autor inicia o artigo chamando a atenção para a Igreja de Milão e destaca, em primeiro lugar, a fonte do Evangelho de Mateus II, 1: “*Et ecce Magi venerunt ab Oriente Jerosolimam...*”. Tradução: “*Eis que Magos vieram do Oriente a Jerusalém...*”. E atribui a primeira interpretação das representações existentes nas catacumbas: “*Pelo fato que o título de magos era usado mais frequentemente na Pérsia para designar a casta sacerdotal, pensou-se que os Personagens evangélicos procederam daquele país, ainda nos primitivos afrescos das catacumbas, os Magos são retratados vestidos com o costume pérsico*”. Ao longo do tempo, contudo no transcurso de séculos os magos se “transformaram em riquíssimos monarcas e tal imagem de suntuosidade e de feição seguramente oriental, a partir do século VI, aos poucos foi sendo abandonada”. Em seguida, o autor se refere ao número, não referido pelo evangelista: o número de magos nas catacumbas variou de quatro a doze e fixou-se definitivamente em três por ser um número simbolicamente perfeito e de acordo com os presentes ofertados.

Definidos três reis magos, no século VII, segundo narra o autor, começam a aparecer nomes dos reis: Gaspar, Melchior e Baltasar e venerados em Milão com nomes de “*Dionísio, Rustico e Eleotério*”.

Há um destaque de altíssima importância na tradição da conversão dos magos em reis e de reis em Santos:

“*La traditione assurta a poesia, ci narra Che i Magi, tornati a loro paese, convennero a Gerusalemme per La Crucifissione Del Salvatore e morirono martiri della fede in Pérsia, a breve distanza l’uno dall’altro. l’1. Il 6 e l’11 gennaio*”.

É uma lenda perfeita para fixar o mito dos Santos Reis Magos. Eis uma lenda forte para a celebração de um mito fortíssimo. Nada na história da Igreja poderá resistir à santificação popular dos magos, convertido em Reis e elevados à santidade. “Eles estavam presentes na crucificação – o que já era bastante para não terem o limbo reservado até o Juízo Final-, além disso, morreram mártires da fé.

Eles se tornaram mais santos do que São José, o pai putativo de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque, segundo a tradição, São José morreu antes do Calvário. Os reis magos, não, foram testemunhas da Salvação. A tradição católica aguardou séculos para reconhecer José como Santo; a tradição popular canonizou os magos nos primeiros séculos do cristianismo.

Artigos

Há mais. Os corpos dos reis mártires foram sepultados numa única tumba, mas no início do século IV foram transladados para a Basílica de Santa Sofia em Constantinopla por Santa Elena e guardados numa imensa custódia de chumbo para evitar o perigo de eventual furto.

“no ano de 325, o bispo de Milão, Eustórgio, como legado de sua igreja, recebeu como presente do Imperador Constantino as relíquias e as transportou a Milão em templo que fez edificar, que se chamou “Basílica dos Santos Reis Magos” e que depois de sua morte por ser também ali sepultado, foi chamada com seu nome “Basílica de Santo Eustórgio”.

A migração dos reis magos não termina aí, há ir ter em Colônia e gerar séculos de disputa pelos restos mortais, venerados como relíquia. A peregrinação terminou apenas em 29 de agosto do ano de 1903 quando uma parte das relíquias retornaram à Basílica de Santo Eustórgio em Milão.

Migrando por tantos países, certamente, as lendas dos reis magos assumiram as mais variadas versões de acordo com os mitos a serem celebrados. Na pregação do Sermão da Epifania, no ano de 1662, o Padre Antônio Vieira relata o desafio da consolidação de apenas três reis magos terem se fixado no imaginário popular:

Foram três, e nem mais nem menos do que três, os Reis que vieram adorar a Cristo, porque neles se representavam todas as partes do mundo que também são três: Ásia, África e Europa.

Nesse ponto, o grande pregador há de fazer malabarismos para provar que a América também se incluía aí. Porém, houve mais um desafio ao longo do tempo. Os Reis que vieram do Oriente, passaram a vir de todo o mundo conhecido. A redução a três, não diz mais apenas de números perfeitos nem das três ofertas, mas da diversidade étnica ou das civilizações. Vieira oferece a chave conveniente para o novo momento, o das conquistas portuguesas:

Dos Magos, que hoje vieram ao Presépio, dois eram brancos e um preto, como diz a tradição.

Retornemos alguns séculos. Segunda metade do século XIII. Jacoppo de Varazze, um clérigo dominicano escreve a famosa *Legendae sanctorum, vulgo historia lombardica dicta*, traduzida para o português e publicada pela Cia das Letras com o título de *Legenda Aurea – Vida dos Santos*. [São Paulo: 2003]. No capítulo “A Epifania do Senhor” Varazze registrou:

Quando do nascimento do Senhor, foram a Jerusalém três magos, chamados em hebraico Apelio, Americo, Damasco; em grego Galgalat, Malagat, Sarathin; em latim Gaspar Baltazar, Melquior. A palavra mago tem três significações: “enganador” “feiticeiro” e “sábio”. Alguns pretendem que esses reis foram chamados magos, isto é enganadores, por terem enganado Herodes, não voltando até ele. (...) Mago também quer dizer fei-

ticeiro. Os feiticeiros do faraó eram também chamados de magos e Crisóstomo diz que daí vem o nome deles. (...) Mago também quer dizer sábio, pois em hebreu corresponde a “escriba”, em grego a “filósofo”, em latim, a “sábio”.

Baseados nestes fatos, chegamos às folias.

Reis e Folias

Affonso faz para nós duas perguntas. A primeira se refere ao culto aos Santos Reis no Brasil e sua materialização em capelas e igrejas devotadas a esses santos populares. A segunda, à origem ibérica e à disseminação das festas de Santos Reis com predominância das folias.

Sobre o culto e as capelas, Affonso chama a atenção para certa concentração das áreas a que se pode dar o nome de “fuga da mineração”, áreas de expansão de Minas Gerais em direção ao Nordeste Paulista a partir de Alfenas. Há aqui uma curiosidade. As capelas e igrejas de Santos Reis, em Minas e São Paulo, datam do início do século XX em contraste com a devoção aos Santos que se torna central no catolicismo popular no mundo inteiro. Vale recordar; a canonização popular dos Reis Magos está no início do cristianismo ainda nas catacumbas. Tornar-se santo é condição para fixar no imaginário popular que outro mundo é possível; não esse mundinho da vida quotidiana em que a comunidade se ocupa de prover a própria subsistência, válida a acumulação de bens, às vezes sagrados, e aceita sem reservas as rotinas que lhe são impostas. O santo rompe as determinações, torna-se modelo para apontar novos caminhos. Desse modo, os magos, como sábios estão no centro da Epifania. Eles apontam para a ruptura radical do saber viver localizado, do saber viver restrito a uma comunidade étnica; a vida tribal. Eles materializam os novos tempos, o tempo do Messias que se eleva acima da comunidade étnica, da vida tribal. São a concretização impossível de que “muitos virão do Oriente e do Ocidente”. Antecipam também o Pentecostes que será a grande descoberta do século XII com Joaquim de Fiori. Não é de graça que as grandes folias se fixarão no culto aos Santos Reis e ao Divino Espírito Santo. Não é também de graça que a intuição de um Deus superior às tribos tenha surgido em espaço de consolidação dos impérios – a Ásia Menor.

Até o século XIII, o santo era eleito pela devoção popular, eram santos locais. Os magos são os primeiros santos oriundos do evangelho que ultrapassam a devoção local. Há que notar que seu templo comparece no lendário popular coincidentemente ao momento em que Constantino institucionaliza o cristianismo. Há que notar que suas relíquias – restos mortais – são abrigadas na Basílica de Santa Sofia em Constantinopla antes de serem transportadas para Milão pelo bispo Eustórgio que logo se torna santo também. Santa Sofia quer dizer Santa Sabedoria. Sabedoria é

Artigos

a pura virtude de alcançar o que a pequena ciência do senso comum não alcança. Sofia é o reino do espírito, reino mágico, do puro saber.

Cumpra fixar ainda que apenas a partir de 1234 com o papa Gregório IX, a Igreja passa a se atribuir a função de deliberar quem é ou não é santo ou seja mereça a canonização. Até então, o culto aos santos se prendia exclusivamente às comunidades locais – dioceses -. Há que fixar também que mesmo com a atribuição de apenas o Santo Padre ter o poder de canonizar, todos os santos surgem com base nas relações locais. Alguns alcançam a canonização, a maioria permanece firme no devocionário popular.

Santa Manoelina dos Conqueiros? Santo Padre Vitor de Três Pontas? Santa Reginalda de Curvelo? Santo Padim Padre Ciço Romão Batista? Santo Antônio Pedro Pinto de Urucânia? São heróis locais que não ultrapassam os limites das comunidades que lhe devotam a admiração por terem ultrapassado as condições da vida cotidiana.

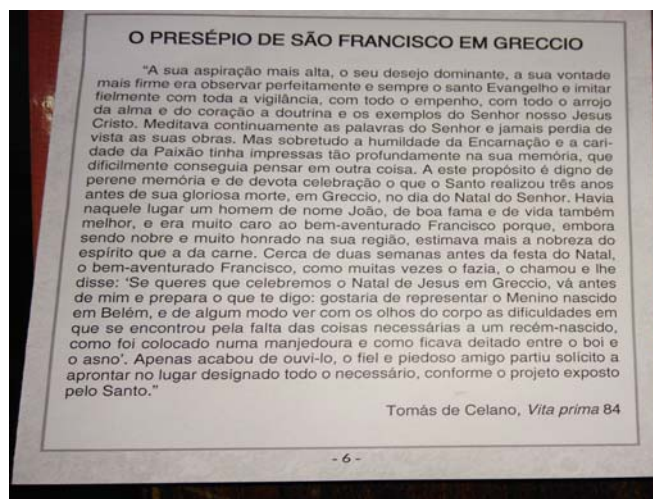
Até os dias atuais, o Código do Direito Canônico exige que os processos de santificação se iniciem pela investigação das relações próximas do taumaturgo. Com efeito, todo santo terá que operar maravilhas impossíveis às rotinas da vida cotidiana.

A devoção aos santos reis aponta desde o início para todas as exigências de santificação. Em primeiro lugar, são o centro da Epifania. Veem de longe, guiados por uma estrela e louvam o nascimento do Salvador. Se vieram para o nascimento, retornarão também para o sacrifício da cruz e tornam-se arautos da Boa Nova, do evangelho. Vivendo as contradições do mundo, são martirizados em seus “países” de origem. Seus espólios migram, da Pérsia para Constantinopla, de Constantinopla para Milão, de Milão para Colônia, e retornam em pedaços, séculos após para Milão. São modelos de peregrinação.

As folias celebram tudo isso. São mensageiros. As folias celebram o enganador, o feiticeiro – os palhaços -, e os sábios, como interpretou Jacopo Varazze.

Resta, porém, o maior desafio contido na pergunta de Affonso. Por que igrejas de capelas de Santos Reis deixaram de ser dedicadas a esses santos? Penso ser uma pergunta para merecer comentário de nossos companheiros Frei Chico e Frei Leonardo.

Formulei imediatamente essa pergunta para Frei Chico. Ele me recomendou ler verbetes de sua obra máxima. Consultei imediatamente o *Dicionário da Religiosidade Popular*. Imaginei que a santificação dos magos seria censurada em algum momento pelos teólogos competentes. Não encontrei ainda resposta. Quanto ao Frei Leonardo, tive o prazer de copiar página de um folheto distribuído na igreja de São Francisco das Chagas do bairro Carlos Prates na celebração do Natal. Numa das páginas transcreveu-se o documento de criação do presépio:



Eis aí o novo componente para a glória dos Santos Reis. O Presépio. Pelo menos uma vez por ano, em todo o Brasil, na sala das casas, os Santos Reis iniciam seu percurso no dia 25 de dezembro até lentamente serem entronizados na gruta bem ao lado da manjedoura no dia 6 de janeiro. Em todas as casas onde houver um presépio, aguarda-se uma folia que deverá cantar as profecias e adorar o Menino Jesus.

Quanto à origem ibérica das folias, Affonso publicou um belo trabalho que foi apresentado no 5º Colóquio do Polo de Pesquisa sobre Relações Luso Brasileiras. Nessa obra o autor destaca:

No decurso do Período Colonial, no ambiente festivo junto às vilas, aldeias e arraiais, (...) fortalecido sobretudo pelo incremento significativo de aporte imigratório proveniente da região norte de Portugal, em especial do Minho e Trás-os-Montes, floresceram as Folias de Reis segundo as configurações atualmente conhecidas. Agregaram-se às Folias de Reis os Mascarados de origem transmontana e os advindos de terras da vizinha Espanha. A propósito, cabe ressaltar que os mascarados vieram a se tornar símbolos da identidade cultural do nordeste transmontano, envolvendo um conjunto de iniciativas como a MASCARARTE da cidade de Bragança.

Com o esgotamento das jazidas de ouro e diamantes, uma expressiva parcela de mineiros foi tentar a sorte noutras regiões e setores, deslocando-se para terras férteis no próprio estado de Minas, em direção: ao norte, ocupando as terras do Rio São Francisco e seus afluentes, a oeste no atual Triângulo Mineiro e, descendo rumo ao sul do estado, estabelecendo nas regiões da Zona da Mata e da Sul de Minas Gerais. Prosseguindo, alcançaram as terras fluminenses, capixabas, paulistas e goianas adjacentes.

Sempre atento às folias, Affonso encontrou festas de Reis Magos na Argentina e as origens açorianas de folias no Estado de Santa Catarina. Mas isto é assunto para novas conversas.

Artigos

BRAÚLIO DO NASCIMENTO

Prof. Severino Vicente – Presidente da Comissão Nacional de Folclore

Na manhã do dia 26 de setembro recebo a triste notícia, o encantamento do grande amigo, conselheiro e parceiro de muitas jornadas culturais, Bráulio do Nascimento. Parei, pensei, perdemos nossa referência maior, o timoneiro, a bússola que nos orientava. E agora? Neste momento de ausência sentida que direi? Lembrei-me do filósofo chinês Lao-Tseu, quando foi indagado sobre o que faria de seu poder, se fosse o senhor absoluto: “restabeleceria o sentido das palavras”. Foi justamente o que procurou fazer o mestre de todos nós. Ordenar palavras, redefinir conceituações, pesquisando e ouvindo o povo, divulgando o quanto possível histórias contadas e cantadas, guardadas no túnel do tempo, chegando até nós, na esteira dos descobrimentos, preservadas pela memória coletiva, repassadas de gerações a gerações, variando de muitos modos para acolher as modificações de cada época, de cada lugar e de cada cultura. Pois, foi Bráulio que abriu este caminho para estudá-las e mostrar ao Brasil que era possível fazer isto através de um estudo sério e comprovadamente científico.

Ao contrário do que muita gente imagina Bráulio não é carioca, é paraibano, nascido em João Pessoa a 22 de março de 1924 e migrando ainda criança para a cidade do Rio de Janeiro, onde cresceu, viveu e morreu. O Rio de Janeiro era sua Passárgada, no entanto nunca esqueceu suas origens do bom nordestino que era.

Como Diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, dedicou-se com entusiasmo o levantamento e análise de nossas tradições populares. Foi o organizador da Bibliografia do Folclore Brasileiro, 1971, com a apresentação de Wilson Lousada, premiada pela Academia Brasileira de Letras com o prêmio João Ribeiro em Filologia, Etnografia e Folclore; foi também o organizador para a publicação da coletânea de Antônio Lopes, presença do romanceiro: versões maranhenses (1967), elaborou um estudo comparativo de 47 versões do romance Veneno de Moriana (Juliana e D. Jorge), obtendo o prêmio Sílvio Romero (1964).

Coordenou no Brasil o projeto Conto Popular e Tradição Oral no âmbito de língua portuguesa, nascido de um acordo cultural entre o Brasil e Portugal, que envolvia importantes instituições culturais dos dois países. No Brasil, participavam do projeto a Fundação Joaquim Nabuco e Fundação Gilberto Freire, em Pernambuco; a Fundação Augusto Franco, de Sergipe; as Universidades Federais de Pernambuco, da Paraíba, da Bahia e do Ceará; e, ainda, o Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, da Universidade Católica Portuguesa; Instituto Camões; e Fundação Calouste Gulbenkian.

Vejam o que resultou desse projeto no Brasil: quatro coletâneas de contos populares com coordenação geral de Bráulio e prefácio de Fernando Freire. Em Pernambuco, nº1, organizada por Roberto Benjamin; na Paraíba, nº2, organizada por Altimar Pimentel e Osvaldo Trigueiro; na Bahia, nº3, por Doralice Alcoforado e Maria Del Rosário Suárez Albán; no Ceará, nº4, por Francisco de Sousa Lima. Além desse importantíssimo projeto editou o Catálogo do Conto Popular Brasileiro, pioneira no gênero no Brasil.

Saio do cidadão do mundo Bráulio do Nascimento para o cidadão paraibano, que incentivou com carinho e afeto os estudos no ramo da Literatura Oral na Universidade Federal da Paraíba, através do Núcleo de Pesquisas e Literatura Popular (NUPPO). Desse trabalho importante destaque: O Cancioneiro da Paraíba, prefaciado por Bráulio. Ainda, nos brindou com uma edição comemorativa dos seus 80 anos: ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO TRADICIONAL, da Editora Universitária, João Pessoa, 2004. Um clássico que se renovará através das atuais e futuras gerações.

O que escrevi é muito pouco para que possamos avaliar com precisão a importância de Bráulio do Nascimento, outros escreverão com mais conhecimento de causa e o que significou o trabalho desse grande e notável pesquisador para os estudos da cultura popular nordestina e brasileira. Seu legado irá orientar gerações interessadas nos estudos da literatura popular de todos os tempos.

Dr. Bráulio, como todos nós os chamávamos, foi presidente da Comissão Nacional de Folclore e, atualmente, exercia a Presidência de Honra.

Artigos

BRÁULIO DO NASCIMENTO

Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular

Com muito pesar, comunicamos o falecimento do queridíssimo Prof. Bráulio do Nascimento, ocorrido no dia de ontem (26/09/2016). A despedida será amanhã, quarta-feira, dia 28/09, com velório na Capela 3 do Cemitério São João Batista, entre 7h e 11:30h. A cremação, às 13h no Memorial do Carmo.

Nós, do CNFCP, temos muito a agradecer pela sua história que fez alicerces desta instituição, e mais, emprestou estímulo permanente. Sua presença constante e a disponibilidade para contribuir sempre, e voluntariamente, com depoimentos e artigos foram oportunidades de conhecimento e exemplo de respeito pelas culturas tradicionais e populares e por esta instituição pública.

Queremos registrar o prazer e a alegria desse convívio que tivemos o privilégio de desfrutar. Queremos agradecer os ensinamentos, a esperança e a perseverança.

Prof. Bráulio nasceu em João Pessoa, Paraíba, no dia 22 de março de 1924. Bacharel em Línguas Neolatinas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi professor, jornalista, crítico literário e folclorista, especialista em romances e contos populares, com trabalhos reconhecidos no Brasil e em diversos países do mundo.

Como servidor público federal, no cargo de redator, trabalhou na Seção de Publicações, da Divisão de Publicações e Divulgação, da Biblioteca Nacional.

Como jornalista, foi fundador e codiretor da Revista Branca: revista trimestral de literatura e arte; redator das revistas do IPASE e dos Bancários; do Boletim Simón Bolívar e do Boletim Bibliográfico, ambos da Biblioteca Municipal da Guanabara.

Como folclorista, foi Secretário da Comissão Municipal de Folclore/GB e redator do Boletim do Museu Municipal de Folclore/GB.

Na Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, atuou como chefe da Divisão de Proteção ao Folclore e secretário da Revista Brasileira de Folclore. Em 1974, assumiu a direção executiva, onde permaneceu até 1982, sendo o responsável pela conquista da primeira

sede própria desta instituição, bem como pela sua transformação, em 1979, em Instituto Nacional do Folclore, no âmbito da então recém-criada Fundação Nacional de Arte – Funarte.

Foi ainda vice-presidente e presidente da Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura, no período 1981 a 2000, mandatos que o conduziram ao cargo vitalício de Presidente de Honra daquela Comissão.

Recebeu o primeiro prêmio no Concurso Sílvio Romero, edição de 1964, realizado pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, com a monografia Processo de variação do romance.

Em 1972, recebeu o Prêmio João Ribeiro, de Filosofia, Etnografia e Folclore, da Academia Brasileira de Letras, pela obra Bibliografia do folclore brasileiro. Em 2010, foi agraciado com o Prêmio de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, na categoria Preservação do Patrimônio Imaterial.

Em 2013, fez uma doação para a Biblioteca Amadeu Amaral deste CNFCP de 1400 (mil e quatrocentas) obras, entre livros, revistas e folhetos de cordel, selecionadas e organizadas pessoalmente por ele, que compõem conjunto significativo de obras, especialmente relativas à literatura popular do Brasil e do mundo. Todo esse acervo está hoje disponível para consulta pública.

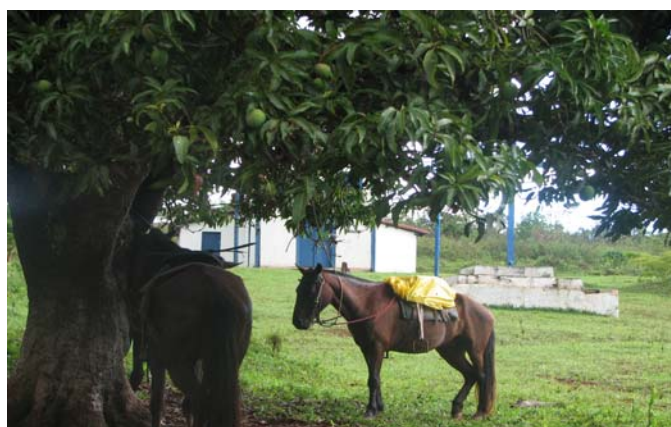
Nosso compromisso e senso de responsabilidade pelo Instituto Nacional do Folclore, como nos referíamos ainda ao CNFCP em conversas com o professor Bráulio, são marcados por seu trabalho substantivo nesse campo de estudos e de políticas públicas ao qual dedicou sua vida.

Com admiração, registramos nossa saudade.



Artigos

Centenário da Capela de N.S. das Dores de Camilinho



Artigos

Centenário da Capela de N.S. das Dores de Camilinho

Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Domingo, quatro de dezembro, 15:00 horas, em Camilinho deu-se início à celebração do centenário da capela local, sob a proteção de N.S. das Dores. Reunido ao lado da capela, o povo, liderado pelo Pe. Franciane, aplaudia, com entusiasmo, a banda de maestro Serafim Moreira. O gramado, no entorno da capela, lotado de carros, representando uma medida da prosperidade daquele povo que, eu vi quando criança, chegava a pé, descalço muitos deles, trajando roupas pobres, às vezes, puídas. Na frente da capela, ampla faixa com inscrição alusiva à data, convidava à participação, ao mesmo tempo que agradecia a N.S. das Dores sua proteção por tantos anos. Internamente, a capela decorada com belos arranjos de flores naturais, organizados por Helena Dumbá, fazendeira do Tinguí, município de Presidente Juscelino, que veio especialmente para fazer a decoração. Helena, bisneta de Antônio Alves Dumbá, também, construtor de capelas – capela de São Sebastião da fazenda Barreiro –, ela estava acompanhada do marido Tino, prospero fazendeiro no Tinguí, prefeito de Presidente Juscelino, durante dois mandatos; saiu e nunca mais voltou àquela cidade. Parece que o desabafo do presidente Figueiredo – eu quero que vocês me esqueçam –, tem seguidores, que se entristecem com a incompreensão do povo. A população, nem sempre, age racionalmente.



Internamente, a celebração teve início com entrada de crianças, à frente, Clarisse e Thiago, ambos trinnetos de Niquinho Miranda – o construtor da capela –, trazendo, respectivamente, a bandeja decorada com a placa de 100 anos e o Missal. Prosseguiu, com celebração da eucaristia pelo reverendo padre Franciane.

A parte complementar da celebração ocorreu nas instalações da escola local, onde foi servido o tradicional bolo de aniversário, com 100 velinhas. Sob palmas, o conhecido cântico: “parabéns para você” na voz forte da plateia, CARRANCA PÁGINA 9

acompanhada pela alegre e participativa banda de maestro Serafim.

Valha me Deus!

Como falar para uma plateia que age como crianças excitadas, na hora do recreio, todos falam e ninguém escuta. Ati-



tude justificável: A estação das chuvas começou com intensidade e surpreendeu a muitos produtores. Alguns ainda não plantaram suas roças e os que o fizeram, agora espiam o mato crescendo mais do que o milho. A chuvarada não dá trégua para aplicação de herbicidas e capinar com chuvas é mudar o mato de lugar. Todos tinham o mesmo problema e falando dele se sentiam aliviados. Tentei conter a voz rouca daquela turba, subi no banco próximo, bati palmas, apelei, gritei, pedi silêncio; fui secundado pela doutora Neide que agiu da mesma forma. Ninguém queria ouvir, todos queriam falar. Desisti de falar para todos e me contentei com o pequeno grupo mais atento que se encontrava na proximidade.

Falei e, o que não falei, completo agora.

A capela N.S. das Dores não é uma instituição isolada; ela está inserida em um contexto; ela é unidade de um sistema; outra instituição, também centenária, a Escola Municipal João Baiano. Uma terceira instituição, ainda no nascedouro, a UBS João de Miranda Chaves, certamente fará história como as duas anteriores. Estou seguro que esta instituição atenderá à população da região centro-sul do município de Gouveia, na área de saúde, da mesma forma que a Escola Municipal João Baiano o faz, e com competência, na área de educação. Além das instituições públicas citadas, o sistema contém organizações particulares: a fazenda Camilinho, a primeira a instalar-se aqui e se apresenta como a motivação para a instalação das instituições. Demais fazendas, sítios, chácaras e simples residências que compõem este belo mosaico emoldurado pelas serras de Camilinho. Acima de tudo isto, nós, o povo que é a razão e o motor que dá vida a todo o sistema.

Um sistema tem administração. No Camilinho, a administração sempre foi exercida por lideranças locais distribuídas ao longo do tempo. Nos cem últimos anos, o processo

Artigos

se inicia com o casal Niquinho Miranda e Amélia Augusta. Eles construíram a capela, eles instalaram em sua sala a primeira escola local. Seguiram-se os casais João Baiano e Zenília e, depois, Zico e Helena. Todos eles, naturalmente, auxiliados pelos filhos, genros, noras e mais membros da comunidade, deram manutenção à capela; auxiliaram a escola – mantida pelo poder público –; organizaram as comemorações festivas; hospedaram prelados, párocos e visitantes; financiaram, com ajuda da comunidade, e prestaram contas de tudo que realizaram. Dentre as pessoas citadas tem-se que salientar a figura de Helena Chaves, pessoa extraordinária que vem cuidando da capela há mais de 50 anos, depois de ter cuidado da escola local nos 25 anos de professora. Helena é a primeira responsável por esta beleza de festa: comemoração de 100 anos da Capela N.S. das Dores. Ressalvo que Helena tem uma equipe da pesada. A turma chega junto. Pontos para Helena que soube formar a equipe.

Um sistema tem objetivo. Qual é o nosso?

Saber viver, ensinar aos jovens como viver, viver com harmonia, respeitar o direito do outro, colocar o interesse comum acima do interesse individual, ser participativo, ajudar uns aos outros.

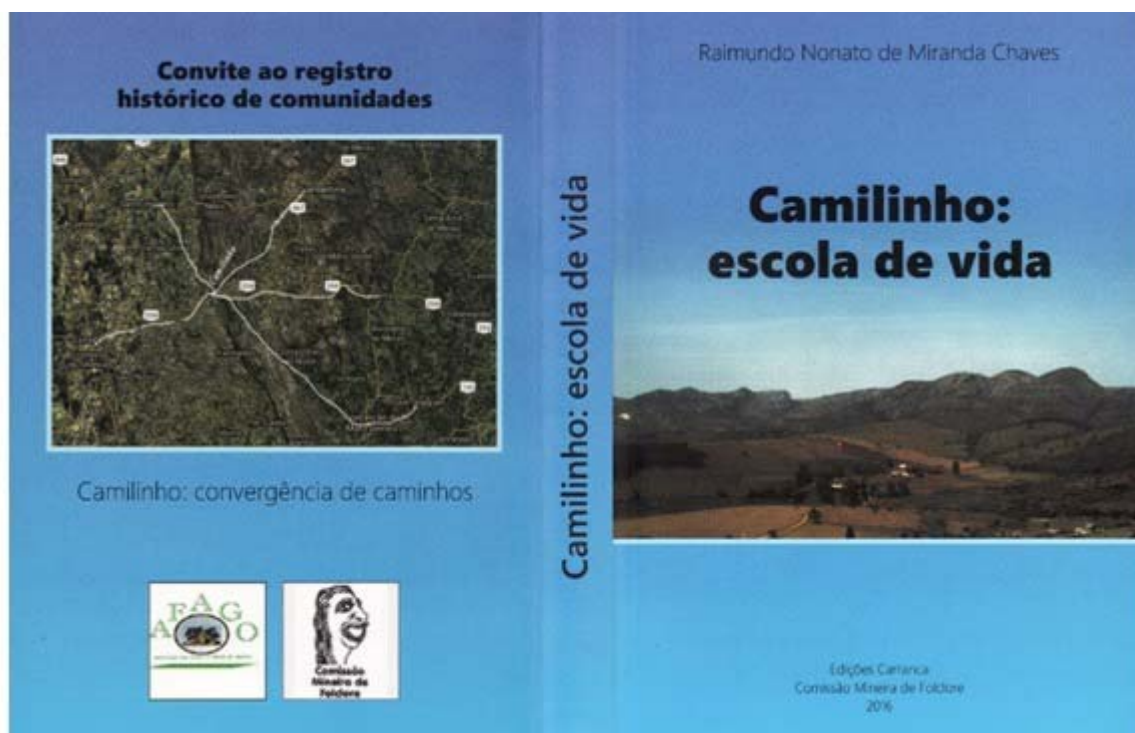
O sistema tem um nome: **Camilinho, escola de vida**” de minha autoria, que trouxe aqui para vocês. Nele, eu escrevi sobre a capela, a escola, as fazendas, as famílias, o entrosamento entre as famílias, e mais, a tradição os sucessos e os fracassos, as mazelas, enfim os saberes e os fazeres desta comunidade da qual faço parte.

Toda a história da Capela N.S. das Dores está, com detalhes, escrita neste livro. Doei 50 cópias dele para a capela, estão sob a responsabilidade de Helena Chaves. Procurem com ela.

Trouxe, também, para vocês o banner, com 1,20 m x 1,50 m. Ali está contada, com fotos, a história de Camilinho, com ênfase na capela. Começa com foto de mapa antigo, com a rota que liga o Espinhaço ao Cerrado, conhecida como a Estrada do Sertão. Nesta rota, três fazendas, três capelas construídas: Capela de São Sebastião, no Tigre, construída por Leonel Alves Ferreira; Capela de N.S. das Dores, no Camilinho, construída por Manoel Pinto de Miranda (Niquinho Miranda); Capela de São Sebastião, no Dumbá – hoje faz. do Barreiro –, construída por Antônio Alves Dumbá. E, o banner termina com fotos das bodas de ouro do casal Zico e Helena, representando a fazenda Camilinho. Entre elas, fotos da capela: cenas externas e internas; fotos das procissões: diurna e noturna; fotos do prelados que nos visitaram; fotos dos párocos e de outros padres que nos visitaram; fotos de representantes de cinco gerações, masculina e feminina, da fazenda Camilinho e completando com fotos da escola, da quadra poliesportiva, da UBS e da tradicional escolinha branca e azul.

Camilinho tem história, tem tradição e está tudo escrito neste livro: “*Camilinho: escola de vida*”

Ali, naquela ocasião, eu fora escalado para falar. Afinal sou um dos anciãos da tribo e deveria conhecer a história da capela centenária.



Notícias e Comentários

II ENCONTRO DOS POVOS DO ESPINHAÇO

Iniciou-se no dia 12 de outubro, em Conceição do Mato Dentro, o Segundo Encontro dos Povos do Espinhaço. Esse encontro deverá se encerrar amanhã, dia 16. É um feito de jovens animados a partir da cidade de Santa Luzia. O ensaio ao Primeiro Encontro – Versão 0 – aconteceu em Pinhões, povoado de Santa Luzia localizado na área de influência do Mosteiro de Macaúbas. O Segundo encontro se deu no município de Santana do Riacho, no povoado de Lapinha. Dessa vez, o município escolhido foi Conceição do Mato Dentro e as atividades se desenvolvem, desde o dia 13, no povoado do Tabuleiro.

A constituição da Rede dos Povos do Espinhaço é iniciativa ousada, necessária e mais do que louvável. Com efeito, reunir para rodas de conversa comunidades e agentes que atuam nesse ecossistema é pensar as Minas, sua formação, desafios e contradições. Trata-se de um movimento amadurecido por jovens ao longo de mais de vinte anos.

Imaginem: com dezoito anos de idade esses jovens viram uma sementinha. Hoje, em torno dos 40 cultivam a árvore frondosa e querem implantar uma floresta. Foram as políticas culturais que favoreceram a realização desses encontros. Há doações que ultrapassam mil vezes os recursos obtidos para a concretização do projeto. Muitas viagens, longos contatos, empenho sem retorno. O mais louvável é que a ideia surge de jovens das Periferias Metropolitanas. O Centro do Pensamento é o bairro de São Benedito do município de Santa Luzia.

Embora trabalhoso e árduo, a elaboração do projeto para captação de recursos é o menos importantes. Contatos com movimentos, agentes e instituições tomam um tempo jamais contabilizável nas planilhas. A generosidade do núcleo pensante é tão elevada que, na programação não comparece o nome de nenhum membro da equipe organizadora e, ao longo do programa, ninguém sabe quem coordena os processos. Há lição de cidadania e de fé na Democracia. Cidadania e Democracia tornam-se realidade e oportunidade de contestação do discurso ideológico empregado pelos meios de comunicação.

Oficialmente a programação se iniciou na sede do município, na cidade de Conceição do Mato Dentro. Nosso companheiro de Comissão Mineira de Folclore, Daniel de Lima Magalhães animou a tarde com “Vivência: O pipiruí no Mato Dentro”. Às 19:00 horas houve a “Abertura oficial” com a presença da senhora secretária municipal de cultura, o representante da Reserva da Biofera do Espinhaço e o presidente da Comissão Mineira de Folclore. Focado em vivência, os presentes participaram de teatro, danças, marujada, pífanos, e brinquedo de Boi.

No dia 13, já no povoado do Tabuleiro, houve nova “Abertura Oficial” no espaço do Parque Municipal Ribeirão do

Campo” Coube aos “Povos Indígenas” a honra de celebrar esse momento.

Aproveito para agradecer a oportunidade de ter meu nome destacado na participação da “Roda de Oralidade: As Vilas do Saber” como representante da Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia – AFAGO – e da Comissão Mineira de Folclore. Nessa oportunidade apresentei à roda a obra CAMILINHO, ESCOLA DE VIDA. Em primeiríssima mão de autoria do membro da AFAGO e da Comissão Mineira de Folclore, Raimundo Nonato de Miranda Chaves. Chamei a atenção para o valor dessa obra para o objetivo da roda de conversa. O autor ao registrar suas vivências contribui para a compreensão da formação desse núcleo da Serra do Espinhaço.

Vale mencionar a presença de delegações do Serro, Conceição do Mato Dentro, Itabira, Dom Joaquim, Carmésia, Santa Luzia, Jaboticatubas, Morro do Pilar, Santana do Riacho, Belo Horizonte e Lagoa Santa. Há que mencionar a atenção do IPHAN e da Rede Minas como apoio a toda a programação e da prefeitura municipal de Conceição Mato Dentro.

Para a Comissão Mineira de Folclore é motivo de maior alegria ver seus mais novos membros integrarem a equipe da Rede Espinhaço. Marco Llobus, Daniel Magalhães, Ricardo Evangelista, Ana Paula Lacerda e Gibran Müller, mostraram a que vieram.

Outros virão!

- **II Encontro Nacional de Capoeira - Amec e a 50ª Semana Mineira de Folclore**

Temática do 1º dia - Opanijé, Capoeira, Mestres e Histórias

A Comissão Mineira de Folclore teve a satisfação de participar do II Encontro Nacional de Capoeira promovido pela AMEC – Associação Mineira de Estudos da Capoeira – e inserido na programação da 50ª Semana Mineira de Folclore.

A sessão do primeiro dia do encontro contou com a presença de ilustres mestres de capoeira os quais, além de saudar os presentes com seu profundo saber prático mostraram suas habilidades em belas exibições. Merece destaque a encenação do Mestre Toninho Cavaliere que, do alto de seus 78 anos vividos pode mostrar o domínio dessa arte e merecer os aplausos de todos.

Toninho Cavaliere é também exemplo de como a Capoeira em Minas Gerais é oportunidade para o congraçamento étnico e como por meio dele a arte da capoeira se tornou popular em Minas Gerais.

Notícias e Comentários

Por gentileza dos promotores a Comissão Mineira de Folclore ocupou lugar de honra na mesa de abertura dessa noite, oportunidade em que se destacou a importância dessa manifestação em Minas como congraçamento étnico. Em discurso, o presidente da Comissão Mineira fixou três pontos. O primeiro que em dado momento da história da cidade do Rio de Janeiro, a Rua do Ouvidor, antes de ter esse nome consagrado, teve o nome de Rua do Amotinado em memória de um célebre personagem da capoeira, isto no remoto século XVII, segundo narrativa de Joaquim Manoel de Macedo. O segundo que a tradição da capoeira em Minas Gerais era praticada pelos “porreteiros”, prática que não alcançou as honras da codificação do que passou a ser entendido como capoeira. Por último, ainda com a palavra, o presidente da Comissão louvou a disseminação da arte da Capoeira em Minas Gerais, em razão de sua marca eminentemente urbana e de se prestar para a celebração étnica sem oportunidade para censura dos que exorcizam as manifestações com marcas na escravidão de feitiçaria e outras expressões estigmatizantes.

Enfatizou-se também a importância do Museu Itinerante do “Balaio da Capoeira” que reúne obras ímpares sobre estudos e a prática da Capoeira para apreciação do público praticante e estudioso dessa arte.

A Capoeira como manifestação popular em Minas tem chamado a atenção da Comissão Mineira de Folclore desde o ano de 1970, data em que Gilgal Gonçalves – membro efetivo da CMFL – criou no espaço da FAFICH - UFMG o grupo Opanijé. A atenção se desdobra a partir do momento em que essa manifestação é reconhecida como Patrimônio Imaterial Mundial.

Pesquisadores e Mestres convidados:

- Mestre Toninho Cavaliere (Capoeira)
- Mestre Noventa (Capoeira)
- Mestre Rasta Lua (Capoeira - Bahia)
- Mestre Ivanir (Capoeira - Bahia)
- Mestre Agnaldo - Preguiça (Capoeira)
- Mestre Manso (Capoeira)
- Mestre Beto (Capoeira - Responsável pelo projeto e Evento)
- José Moreira de Souza (CMFL - Comissão Mineira de Folclore)
- Daniel Porto (CMFL - Comissão Mineira de Folclore)

Obras Incorporadas ao acervo da Comissão Mineira de Folclore

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO. *Mãos que [Re] fazem o mundo*. Brasília, MDA. Sem data (Coleção Talentos do Brasil)

IPHAN. *Programa do Patrimônio Imaterial*. 4 ed. Brasília. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.

IPHAN. *Patrimônio Cultural Imaterial, para saber mais*. 3 ed. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.

CASTRIOTA, Leonardo Barci (org.). *Mestres Artífices Minas Gerais. Cadernos de Memória*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.

IPHAN. *Modo artesanal de fazer queijo em Minas.. Serra, Serra da Canastra e Serra do Salitre / Alto Paranaíba*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2008.

IPHAN. *Modo artesanal de fazer Viola de Cocho*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2007.

IPHAN. Dossiê IPHAN 1 Círio de Nazaré . Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, DVD.

IPHAN. Dossiê IPHAN 2 Arte Kusiwa. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, DVD.

IPHAN. Dossiê IPHAN 5 Jongo no Sudeste . Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, DVD.

ALÉM MAR, Chiquinho do. *A HISTÓRIA DE Sergipe contada em versos*. 2.ed. Aracaju: O autor, 2014.

ALÉM MAR, Chiquinho do. *Minha cidade tem memória..* Aracaju: Funcaju, sem data

ALÉM MAR, Chiquinho do. *A saga dos guerreiros tupinambás: a invasão portuguesa e a conquista de Sergipe em 1590*. Aracaju: Diário Oficial, 2008

COMISSÃO PAULISTA DE FOLCLORE. *A quaresma na região entre serras e águas e o cântico de Verônica*. São Paulo: Comissão Paulista de Folclore, 2015. [Org. Neide Rodrigues Gomes e José Carlos de Oliveira]

IEPÉ e Museu Kuahí (Ester de Castro org.) *Artefatos e matérias primas dos povos indígenas do Oiapoque*.

São Paulo: IEPE – Instituto de Pesquisa e Formação Indígena, 2013 [Doação do professor Ramiro Esdras]
VIDAL, Lux Beoelitz. *Povos indígenas do Baixo Oiapoque, o encontro das águas, o encruzo dos saberes e a arte de viver*. 3.ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio e IEPE, 2009. [Doação do professor Ramiro Esdras]

IEPÉ e Museu Kuahí. *Turé dos povos indígenas do Oiapoque*. Rio de Janeiro, São Paulo: IEPE, 2009. . [Doação do professor Ramiro Esdras]

APINA, Apiwata, Awatac. *Protocolo de consulta e consentimento Wajâpi*. Macapá: IEPE, 2014. . [Doação do professor Ramiro Esdras]

Notícias e Comentários

IEPÉ. *As marcas do começo dos tempos*. IPHAN, Apina, AWATAC, IEPE, 2014. [Doação do professor Ramiro Esdras]

FONTES, Aglaé D'ávila. *Mestre Rindu, José Gonçalves dos Santos*. São Cristóvão (SE): Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2012

FERREIRA, Marconi. *Viagem na história de Itabira com o menino da mina*. Itabira: Tempoética, 2013

CARVALHO, José Ribeiro de. *Palmilhar o Tempo*. Belo Horizonte: 3i editora, 2016

CUNHA, Laerte da. *Ranchos, tropas e garimpos*. Serro(?): Brasbiblos, 2008

RANGEL, Carlos Henrique. *Cartilha do Patrimônio*. Conceição do Mato Dentro: Prefeitura Municipal, Sem data.

Prefeitura Municipal de Conceição do Mato Dentro. *Ao som dos dobrados, educação patrimonial em Conceição do Mato Dentro*. Sem data.

DUCCA, Caio. *O boi da manta*. Vespasiano MG> Secretaria Municipal de Cultura, 2016.

LEAL, Andreia Donadon (org.). *Lumens – em prosa e verso*. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2011 (Textos de Miriam Stella Blonski da página 189 a 193)

BICALHO, Gabriel et alii. *O livro das aldravias*. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2012 (Textos de Miriam Stella Blonski da página 219 a 223)

LEAL, Andreia Donadon et alii (org.). *O livro das aldravias III*. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2015 (Textos de Miriam Stella Blonski da página 278 a 282)

Melo, João Naves de. *Joaquina, uma lenda urucuiana: narrativa do Velho Zacarias e um jovem bandeirante*. Belo Horizonte: o autor, 2016.

SANTIAGO, Luís (Org). *Na boca do Sebastião Lobo*. Almenara: Vigia, 2003 (seleção e notas de Luís Santiago)

SANTIAGO, Luís . *De Abraão ao Messias..* Pedra Azul: O autor, 2009

SANTIAGO, Luís . *O Cristo Revolucionário* Pedra Azul: O autor, 2010

SANTIAGO, Luís . *Quarenta e duas peças poéticas – traduções de Virgílio e outros poemas incluindo o livro primeiro da Eneida e trechos das Geórgicas..* Pedra Azul: O autor, 2011

SANTIAGO, Luís . *As Roçarianas: releitura das Geórgicas de Virgílio edição bilíngue – incluindo o original latino, a paráfrase latia de Carolus Ruaeus e a tradução de Odorico Mendes. ..* Pedra Azul: O autor, 2009

SANTIAGO, Luís . *Tempos de Diamantina – quinto livro da série O Vale dos Boqueirão, História do Vale do Jequitinhonha. ..* Pedra Azul: O autor, 2016

BENSABATH, Pérola (coordenadora). *Coletânea Elos Literários 2*. Salvador (BA), Porto Alegre (RS): Alternativa, 2015 (Doação de Maria Helena Martins Ribeiro)

Silva, Italo Samuel Ribeiro. *As poesias da minha vida*. São Gonçalo do rio Abaixo: Centro Cultural, 2016 {com apresentação de Miriam Stella Blonski}

RODRIGUES, Cléber Camargo. *Iluminessências*. São Gonçalo do rio Abaixo: Centro Cultural, 2016 {com apresentação de Miriam Stella Blonski}

SOUZA, Jussimere de . *Nossa Senhora do Rosário, Rogai por nós..* São Gonçalo do rio Abaixo: Centro Cultural, 2016 {com apresentação de Miriam Stella Blonski}

BLONSKI, Míriam Stella. *Trilha de Lembranças III*. São Gonçalo do Rio Abaixo: Centro Cultural, 2016

CHAVES, Raimundo Nonato de Miranda. *Camilinho: Escola de Vida*. Belo Horizonte: Edições Carranca Comissão Mineira de Folclore: 2016

LLOBUS, Marco. *As Dores de Indaiá nas memórias de Tapuia*. Belo Horizonte: Rede Caititu Cultural, 2010

BRASIL. Ministério da Cultura. *As metas do Plano Nacional de Cultura*. 3. Ed. Brasília, MINC, 2013

BRASIL. Ministério da Cultura. *Como fazer um Plano de Cultura*. 3. Ed. Brasília, MINC, 2013

INSTITUTO ARNON DE MELLO. *Alagoas Popular: Folgedos e Danças de Nossa Gente*. Maceió, Instituto Arnon de Melo, 2013. (Doação de Getulino do Espírito Santo Maciel)

Museu de Folclore

Registro de Peças recebidas

Registros de peças doadas ao Museu de Folclore “Saul Martins”, de 1988 a 1991, realizados por Antônio de Paiva Moura e Ione Amaral Cruz, em dezembro de 2016.

321.03.037 – Carocha (caroça)

Capa de chuva feita de palha de buriti, medindo um metro de comprimento e 80 centímetros de largura, procedente de Pirapora MG, de autor ignorado, doada por Domingos Diniz, em 19 de setembro de 1987. Esse tipo de agasalho é usado por trabalhadores de roça

321.03.038 – Águia

Escultura em madeira de, Santa Rita Durão, Mariana, adquirida em 1988. Doada ao Museu de Folclore Saul Martins da Comissão Mineira de Folclore, por Antônio de Paiva Moura, 13 de setembro de 1996, avaliada em R\$ 200,00.

321.03.039 – Cabeça Africana

Escultura em madeira de autoria de José Medeiros Santos, que em 1977, foi doada ao Museu Saul Martins por Antonio de Paiva, em 13 de setembro de 1996. O autor contava com 20 de idade. O autor ofereceu a peça ao doador como algo sagrado. Como era negro e assumia garbosamente sua origem africana, pode-se dizer que a referida peça é uma reminiscência atávica do escultor à sua origem africana.

321.03.040 – Imagem de Nossa Senhora

Notícias e Comentários

- Escultura em madeira. O escultor é de Santo Hipólito, MG, assinala suas peças com as iniciais de seu nome ET. A peça foi adquirida por Antônio de Paiva Moura em 1978 e doada pelo adquirente, ao Museu de Folclore Saul Martins, em 13 de setembro de 1996.
- 321.03.041 – Carranca
Escultura em madeira, de autoria do artista popular de Pirapora, conhecido como Xico do Rio, adquirida por Antonio de Paiva Moura, em 1989 e doada pelo adquirente, ao Museu de Folclore Saul Martins, em 13 de setembro de 1996.
- 321.03.042 – Procissão
Pintura óleo sobre tela, de autoria de José Luiz de Souza, datado de 1991, medindo 36 x 16 cm. Em primeiro plano, o andor com o santo seguido de cortejo em duas alas que perfaz uma curva na rua. Recurso utilizado pelo autor para conseguir o efeito de perspectiva. Doado por Antônio de Paiva Moura, em 2013;
- 321.03.043 – Catadeira de piolho
Peça de autoria desconhecida, procedente de Turmalina MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.044 – Mulher grávida
Peça originária de Turmalina MG, sem referência de autoria. Doada por Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.045 – Cena erótica
Peça sem referência de autoria, procedente de Turmalina MG, doada por Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.046 – Casal de dançarinos
Peça sem referência de autoria, originária de Turmalina, MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, em 1991.
- 321.03.047 – Tropeiro
Peça sem referência de autoria, originária de Turmalina, MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.048 – Mulher fazendo sabão
Peça sem referência de autoria, procedente de Turmalina MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.049 – Tropeiro
Peça sem referência de autoria, procedente de Turmalina MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.050 – Benzedeira
Peça sem referência de autoria, procedente de Turmalina MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, em 1991.
- 321.03.051 – Pescador bêbado
Peça sem referência de autoria, procedente de Turmalina MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.052 – Vendedor de verduras
Figura masculina, fumando, com palha no bolso. Peça sem referência de autoria, procedente de Turmalina MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.053 – Lavadeira
Peça sem referência autoral, procedente de Turmalina MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.054 – Colheita de Café
Peça sem referência autoral, procedente de Turmalina MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, em 1991.
- 321.03.055 – Caminho da Roça
Peça sem referência autoral, procedente de Turmalina MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.056 – Martírio da mulher do Vale
Peça de cerâmica de autoria de Ulisses Mendes, de Itinga MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos;
- 321.03.057 – Figura
Peça procedente de Turmalina, sem referência autoral, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.058 – Figura
Peça procedente de Turmalina, sem referência autoral, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.059 – Figura
Peça procedente de Turmalina, sem referência autoral, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.060 – Figura de mulher
Peça de cerâmica de autoria de Ana do Baú, Ana Fernandes de Souza, Minas Novas MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.061 – Figura de Mulher
Peça de cerâmica de autoria de Ana do Baú, Ana Fernandes de Souza, Minas Novas MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.062 – Bule
Peça em cerâmica, sem referência autoral, procedente de Turmalina MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.063 – Galinha
Peça em cerâmica sem referência autoral, procedente do Vale do Jequitinhonha MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.064 – Pote artesanal
Peça em cerâmica de autoria de Dida, Vale do Jequitinhonha, MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.

Notícias e Comentários

- 321.03.065 – Bicho de um só pé
Peça em cerâmica de autoria de Ulisses Pereira Chaves, de Carai MG,
doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.066 – Pato
Peça em cerâmica de autoria de Erminda, Vale do Jequitinhonha, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.067 – Sapo com cabeça humana
Peça em cerâmica, de autoria de Ulisses Pereira Chaves, Carai MG. doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.068 – Sapo com cabeça humana
Peça em cerâmica, de autoria de Ulisses Pereira Chaves, Carai, MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.069 – Presépio
Constituído por 11 peças em cerâmica, de autoria de Noimisa Batista dos Santos, Carai MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.070 – Figura de mulher
Peça em cerâmica, sem indicação de autoria, Vale do Jequitinhonha,
doado pro Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.071 – Figura de Mulher
Peça em cerâmica, sem indicação de autoria, Vale do Jequitinhonha,
doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.072 – Noiva
Peça em cerâmica, de autoria de Placidina Fernandes de Oliveira, de Santana do Araçuaí, município de Itinga MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.073 – Figura humana
Peça em cerâmica, de autoria de Placidina Fernandes Nascimento, de Santana do Araçuaí, município de Itinga MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.074 – Figura humana
Peça em cerâmica, de autoria de Isabel Mendes da Cunha, de Santana do Araçuaí, município de Itinga MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.075 – Cachorro com cabeça humana
Peça em cerâmica de autoria de Ulisses Pereira Chaves, de Carai MG, doada por Tadeu Bandeira de Matos, 1991.
- 321.03.076 – Moringa zooantropomorfa
Peça em cerâmica, de autoria de Ulisses Pereira Chaves, procedente de Carai, MG doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.077 – Homem do Vale
Peça em cerâmica de autoria de Ulisses Pereira Chaves, procedente de Carai, MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.078 – Cofre artesanal
Peça de cerâmica, de autoria de Ulisses Pereira Chaves, Carai MG,
doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.079 – Figura humana
Peça em cerâmica, de autoria de Ulisses Pereira Chaves, Carai, MG,
doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.080 – Caça e onça
Peça em cerâmica de autoria de Noimisa Batista dos Santos, procedente de Carai MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.081 – Figura de mulher
Peça em cerâmica, de autoria de Dona Joana, Joana Batista, mãe e mestra de Noimisa, de Carai MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.082 – Árvore e canhorro
Peça de cerâmica representando árvore com dois cachorros, de autoria de Ana do Baú, Ana Fernandes de Souza, de Minas Novas MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.083 – Peixe
Peça em cerâmica de autoria de Mundinha, Raimunda Marques de Almeida, de Itamarandiba MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.084 – Galo e Raposa
Peça em cerâmica, figura de galo sobre a raposa com instrução “Estou cansado, mas venci a luta”, de autoria de Mundinha, Raimunda Marques de Almeida, de Itamarandiba MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.085 – Vaso de Flor
Peça em cerâmica de autoria de Muninha, Raimunda Marques de Almeida, de Itamarandiba MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.086 – São Jerônimo
Imagem de São Jerônimo, em relação sincrética com Ogum, peça em cerâmica de autoria de Mundinha, Raimunda Marques de Almeida, de Itamarandiba MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.087 – Nossa Senhora Aparecida
Peça em cerâmica, imagem de Nossa Senhora Aparecida, de autoria de Mundinha, Raimunda Marques de Almeida,

Notícias e Comentários

- de Itamarandiba MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.088 – Santo Antônio
Peça em cerâmica, imagem de Santo Antônio, de autoria de Mundinha, Raimunda Marques de Almeida, de Itamarandiba MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.089 – São Francisco de Assis
Peça em cerâmica, imagem de São Francisco de Assis, de autoria de Mundinha, Raimunda Marques de Almeida, de Itamarandiba MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.090 – Nossa Senhora de Fátima
Peça em cerâmica, imagem de Nossa Senhora de Fátima, de autoria de Mundinha, Raimunda Marques de Almeida, de Itamarandiba MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991
- 321.03.091 – Bilha em forma de mulher
Peça em cerâmica em figura de mulher, de autoria de Dona Joana, Joana Batista, mãe e mestra de Noimisa, de Carai MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991.

Comissão Mineira de Folclore Projeto de reorganização do Museu Folclore Saul Martins

1 – Considerações

Considerando que em 1991 a Comissão Mineira de Folclore fez convênio com a Prefeitura Municipal de Vespasiano para guarda, conservação e manutenção do acervo do Museu de Folclore Saul Martins;

Considerando que a Prefeitura de Vespasiano, ao longo do tempo, fez grandes esforços no sentido de cumprir as cláusulas do referido convênio;

Considerando que há necessidade de reformular as técnicas de registro, descrição e exposição das peças, de acordo com normas museológicas;

Considerando que a Prefeitura Municipal de Vespasiano manifestou o interesse de reformular o convênio com a Comissão Mineira de Folclore, conforme reunião administrativa realizada no dia 11 de outubro de 2016.

Considerando que a Comissão Mineira de Folclore, em assembléia geral de 19 de novembro de 2016, decidiu realizar um novo inventário do acervo do museu

Resolveu-se elaborar o seguinte projeto:

3 – Objetivos do projeto

3.1 – Rever e ampliar a descrição das peças;

3.2 – Levar em consideração os registros originais da Comissão Mineira de

Folclore, de conhecimento público através das publicações periódicas.

3.3 – Angariar recursos financeiros e técnicos para recuperação de peças danificadas.

3.4 – Preservar as peças existentes e notificar as inexistentes.

4 – Justificativas

4.1 – Fundação do Museu

O Museu de Folclore que hoje tem o nome de Saul Martins, teve em sua origem e desenvolvimento, grandes e importantes instituições com parceira da Comissão Mineira de Folclore. Em 1976 o Governo do Estado de Minas Gerais, em convênio com a Comissão Mineira de Folclore, criou o museu. Para tal, embora de forma precária, foram proporcionados espaço e subvenções para seu funcionamento no conjunto JK. Nessa época foram adquiridas as primeiras peças que hoje constituem a Coleção Comissão Mineira de Folclore do museu.

4.2 – Coleção Comissão Mineira de Folclore

Em 1982, novamente, em convênio com o Governo do Estado, foram disponibilizados à Comissão Mineira de Folclore, espaço, mobiliário e pessoal para organizar o Museu de Folclore. De 1983 a 1984, na Rua dos Carijós, a coleção Comissão Mineira de Folclore recebeu mais 45 peças, totalizando 234.

4.3 – Coleção Saul Martins

Em 1984 o acervo pertencente a Saul Martins, que havia se formado no projeto de Museu do Homem da FAFICH / UFMG, num total de 552 peças foi doado à Comissão Mineira de Folclore e passa a integrar-se ao Museu de Folclore

4.4 – Coleção Tadeu Bandeira de Matos e outras peças

Com o fim do convênio com o Governo do Estado, o Museu de Folclore foi acolhido pela

Notícias e Comentários

Prefeitura Municipal de Vespasiano, em 1991, que em seguida recebe em doação a coleção de Tadeu Bandeira de Matos, com 64 peças, além de outras doações, totalizando 106 peças.

4.5 – Carga do Acervo

A história da formação do acervo do Museu é que justifica a necessidade de continuar caracterizando e distinguindo as três coleções, na sua totalidade. Para tal foi criado o código 321 que significa Museu de Folclore e suas atividades específicas. Esse código é seguido pelo número coleção. Exemplo: 321.01 – Coleção Comissão Mineira de Folclore; 321.02 – Coleção Saul Martins e 321.03 – Coleção Tadeu Bandeira e outras.

5 – Desenvolvimento do Projeto

5.1 – Cadastramento

- Digitalização dos registros, com base em publicações de catálogo e Revista da Comissão Mineira de Folclore;
- Elaboração de índice por título das peças do museu, de modo a facilitar a identificação das peças;
- Checar os números de registros da Prefeitura Municipal de Vespasiano com os da Comissão Mineira de Folclore;
- Nas fichas de registros da Prefeitura Municipal de Vespasiano deverão constar descrição das peças, conforme originais e ao final o número do registro da Comissão Mineira de Folclore.

Exemplo: *Número da PMV 393 – Sapo com cabeça humana e três pernas; escultura em cerâmica de autoria de Ulisses Pereira Chaves, de Carai, MG, doação de Tadeu Bandeira de Matos, 1991. Registro original CMF 321.03.068.*

- Informar também o estado de conservação da peça; se ela se encontra fora do museu em Vespasiano.

5.2 – Manutenção

- Criar um espaço para reserva técnica, de modo a garantir o bom estado das peças que não estiverem em exposição. Reserva técnica não deve significar abandono de peças do museu;

- O atual prédio que abriga o museu não comporta espaço para oficina de restauração. A Prefeitura Municipal de Vespasiano e a Comissão Mineira de Folclore poderão buscar recursos e meios para restauração fora do museu.

4.3 – Exposições

- Manter um espaço maior entre uma peça e outra exposta:

- Preferencialmente, promover exposições temáticas ou de conjunto de peças afins. Exemplo: Um painel com 20 colheres de pau, com texto de algum folclorista sobre a tradição de se fazer colheres de pau. Uma exposição de xilogravuras, criadas e usadas para ilustração de folhetos de cordel. Texto explicativo sobre a exposição;

- Promover exposições temporárias, de acordo com eventos tradicionais, como Natal, Festa Junina, Carnaval, Semana Santa e Semana de Folclore

Belo Horizonte, 29 de dezembro de 2016

Antônio de Paiva Moura

Sócio efetivo da CMF

José Moreira de Souza

- Presidente da CMF.



Maria das Mercês Bonfim Ambrosio

Nasci em Januária, abençoada por uma família não apenas acolhedora, mas com profundas tradições na cultura barranqueira do São Francisco. Meu pai, Manoel Ambrosio Júnior e, antes dele, meu avô paterno, Manoel Ambrosio Alves de Oliveira, trilharam esses caminhos, coletando e divulgando a fala, as histórias, as cantigas, as lendas do povo desses rincões. Do lado materno, pelo velho Juca Bonfim, venho de uma linhagem que remonta aos tropeiros, ao ofício de sapateiro, e às vendas onde era possível encontrar desde fumo até carne de sol, sal e outras mercadorias indispensáveis ao dia a dia das populações ribeirinhas.

Em meu próprio caminho, tornei-me professora primária, e depois, do ensino superior. Na tradição familiar de envolvimento com o povo, sou do Serviço Social e da Educação e Cultura Popular. Assim, trabalhei por trinta anos com educação em saúde, na Secretaria de Estado da Saúde de Minas Gerais, desde o nível local até o nível central de gestão. Paralelamente, tenho participado da formação de profissionais do Serviço Social, desde 1973.

A atividade mais específica de cultura popular, foi na Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, de 1983 a 1987, como Diretora de Apoio à Cultura Popular. Nesse cargo, gerei e vi acontecer os projetos “Almanaque da Cultura Popular do Vale do Jequitinhonha”, “Projeto Buriti” (Mensagens Radiofônicas de Cultura Popular), Encontros de Agentes Culturais, e participei do projeto “Museu Flutuante do Rio São Francisco”, promovido pelo Museu Mineiro.

Mestre em Educação pela FAE/UFMG, minha dissertação de Mestrado, defendida em 1989, tratou da Festa de Nossa Senhora do Rosário, e dos processos de ensinar-e-aprender vigentes no congado, assim como dos significados presentes na Festa, para seus integrantes.

Em 1987, coordenei a edição e lançamento do livro de meu pai, Manoel Ambrosio Júnior, “No Meu Rio tem Mãe d’Água”, *in memoriam*. Recentemente fui reconduzida a esse universo, pelo envolvimento na publicação de uma reedição do livro de meu avô Manoel Ambrosio, “Brasil Interior”, de iniciativa dos professores Carlos Céza de Carvalho, Ramiro Esdras Carneiro Batista e Ros’elles Magalhães Felício. Junto a este grupo, nossa família também colabora na organização do acervo de nosso patriarca, e na publicação de seus textos inéditos.

O retorno a esse universo motivou-me a aceitar o convite do Zé Moreira, para ser membro da Comissão Mineira de Folclore. Sinto-me muito honrada, e sei que meu pai estaria muito feliz, se aqui estivesse, ele que foi membro entusiasta desta casa. E eu, pela oportunidade de estar novamente com os pés fincados nas raízes.

Ros’elles Magalhães Felício

Ros’elles Magalhães Felício é mineira de Coração de Jesus e reside há dezessete anos em Januária (MG), às margens do Rio de São Francisco. Doutoranda em Linguística na PUC Minas e Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Uberlândia, tem se dedicado

à pesquisa de dialetos ribeirinhos, literatura regional e cultura popular. É graduada em Letras Português/Francês pela Universidade Estadual de Montes Claros, instituição na qual é professora efetiva na área de Linguística e Língua Portuguesa no Campus Januária. Membro colaborador do Centro de Artesanato da Região de Januária, Casa da Memória do Vale do São Francisco e Academia Januarense de Letras. Conselheira e Secretária do COMTUR – Conselho Municipal de Turismo de Januária (2016-2018); Secretária do Conselho Deliberativo do Praia Clube de Januária (2015/2016).

Ana Paula Lacerda e Silva é alagoana, nascida em Palmeira dos Índios no dia 8 de janeiro de 1982. Formou-se em Psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e é pós-graduada em Psicologia Clínica, área de concentração Gestalt-terapia pelo Centro de Capacitação em Gestalt Terapia de Belém do Pará. Pela Universidade Federal do Pará cursou também Formação em Arte Educação. Exibe inúmeras atividades em áreas carentes e bairros periféricos da Região Metropolitana de Belo Horizonte, especialmente em bairros do município de Betim.

Entre estudos e monografias merecem destaque as obras; SILVA, Ana Paula.L. **Um Mundo melhor: Desafio da Psicologia Ambiental uma visão da prática na perspectiva da fenomenologia Social**. Monografia apresentada ao Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo. Betim, 2006. 53p.

Silva, Ana Paula L. **Sobre a ordem social desigual: Contribuição da Gestalt terapia para uma clinica social**. Monografia apresentada ao curso de Especialização em Gestalt Terapia do Centro de Capacitação em Gestalt Terapia, (CCGT), como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo Clínico. Belém, Pará- 2013.62p

Silva, Ana Paula L. **Sabedoria popular é Expressa em canções**. COMUNICANDO-informativo do Pró-viver-PETROBRÁS: ano 1-Nº- nov,2007

Reside em Belo Horizonte.

Daniel de Lima Magalhães. Nasceu no dia 7 de novembro de 1971, reside em Belo Horizonte, Mestre em Música (Musicologia) pela UFMG, com a dissertação “*Pipiruí e Caixa de Assovio: tocadores de pífanos e caixas nas festas de reinado*” (2007-09). Graduado em Música, habilitação Licenciatura (UFMG, 1999-2003

Vencedor do 25º Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, com a ação “Flautas tradicionais do Vale do Jequitinhonha” (2012). Autor dos livros “Canudos, gaitas e pífanos: as flautas do norte de Minas” (2010) e “Cancioneiro do Jequitinhonha: 160 partituras para flauta” (2010). Idealizador e organizador do CD “Bandas de taquara e música de pífano em Minas Gerais” (2007). Diretor e produtor dos documentários “Pífanos do Congado” (2008) e “Canudeiros” (2011).

Novos Membros da Comissão Mineira de Folclore - Pequenas Informações

Coordenador de pesquisa e editor da publicação “Tamborzeiros do Jequitinhonha” (2011). Autor da trilha sonora do filme longa-metragem “Amor Perfeito”, de Geraldo Magalhães (BH, 2005). Integrante e fundador do grupo Cataventoré (desde 2000), com o qual gravou o CD “Cataventoré” (2009),

Vencedor do festival “Conexão Telemig Celular de Música: Novos Rumos da Música Mineira” (2004), selecionado entre mais de 550 artistas e grupos mineiros. Com a banda tocou ao lado de artistas como Sebastião Tapajós, Décio Ramos e Paulo Santos do Uakti, João do Pífano, Banda de Pífanos de Bendegó, Mestre Luiz Paixão, além de ter se apresentado em cidades como Salvador, Olinda, Belém, Campinas, Vitória e diversas outras do interior mineiro, entre outras realizações. Lutier (desde 1993) especializado na confecção de tambores, marimbas e flautas, entre outros instrumentos. Oficineiro em diferentes projetos e festivais, tendo realizado oficinas de confecção de pífano em mais de 20 municípios mineiros e no Estado de Pernambuco. Presidente do D.A. da Escola de Música da UFMG (2002-03). Idealizador e realizador da “1a. Semana da Música” (UFMG,2002), evento com mesas-redondas, espetáculos, palestras e oficinas. Empreendedor dos projetos culturais, já concluídos, “Turnê Cataventoré – Espetáculos e Oficinas” (2004) e “Turnê Cataventoré – Circulação de Espetáculos e Oficinas” (2005), aprovados na Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais

Joana Ramalho Ortigão Corrêa reside em Milho Verde, município do Serro, é antropóloga e gestora cultural, com mestrado em Antropologia e doutorado em conclusão na mesma área. Sua dissertação de mestrado “Vamos fazer um fandango: arranjos familiares e sentido de pertencimento em um dinâmico mundo social”, mereceu 1ª Menção Honrosa do Prêmio Sílvio Romero de pesquisas sobre cultura popular e folclore em 2013.

A tese de doutorado de Joana tem como foco o estudo do Congado Mineiro e, para tal, tem desenvolvido levantamento documental e ampla vivências com as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais.

Ione Cruz Amaral reside em Lagoa Santa no distrito de Lapinha, é artista plástica com bacharelado em Artes com ênfase em Desenho, licenciatura em Desenho e Plástica ambos pela Escola de Belas Artes da UFMG e pós-graduação lato sensu em Artes Plásticas e Contemporaneidade pela UEMG.

Ione desenvolveu projetos relevantes como assessora do Museu de Folclore Saul Martins na cidade de Vespasiano e no Palácio das Artes Nair Fonseca Lisboa neste mesmo município.

Madalena Maria Diniz Bastos – Dadá Diniz – Reside em Belo Horizonte e é Bacharel em Turismo pelo Centro Universitário Newton Paiva, cursou em nível de aperfeiçoamento Cultura Popular Tradicional - Folclore x Parafolclore - Artesanato e Arte Popular- Folclore na Escola- Festas Populares e Folguedos - Curso de Folclore -

620h/aula; é Analista de Artes e Cultura do SESC MG desde março 2013. Desenvolveu em anos recentes os seguintes projetos: Levantamento de Dados das Folias de Reis em Minas Gerais; Encontro de Violas Folias e Foliões em BH; Saber Popular nas Ruas de Lazer; Agosto das Festas Populares; Curadoria e Produção do caderno (A)GOSTO do Folclore- Conversar Pode Dar Certo com textos de membros efetivos da Comissão Mineira de Folclore.

Produção de Materiais didáticos para a cultura popular tradicional: *o saber popular da cidade do rio encantado-Pirapora* – livreto; *Fé e Devoção em Bocaiúva-Livreto*; *Maria Joaquina- Pompéu-Livreto*; *Quitandas de Tia Guidinha* – Livro; *(A)Gosto Do Folclore- Conversar Pode Dar Certo- Livro*; *São João Pede Passagem* – Video; *Arraial de Belô* – Livreto.

Carlos Ceza de Carvalho nasceu em : Belo Oriente no dia 23 de abril de 1968 e reside em Januária, onde leciona Metodologia da Pesquisa em Letras e Fundamentos de Metodologia da História nas SIEF e orienta monografia no curso de Pedagogia da Unimontes – Campus de Januária. Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG (1994); Especialização em Historia do Brasil pela Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes; Especialização em Educação Profissional na Modalidade de Jovens e Adultos PROEJA pelo IFNMG-MG; Mestrado em Educação e Gestão do Ensino Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFRRJ (Mestre em Ciências). Bibliotecário Documentalista do IFNMG- Campus Januária-MG. Foi Professor de Ensino Superior da Universidade Estadual de Montes Claros de 2001 a 2015. Tem experiência na área de Biblioteconomia e Documentação/ Ciência da Informação e na área de Educação, com ênfase em Historia da Educação; Metodologia da Pesquisa, iniciação científica, Fundamentos de Metodologia da História. Tem atuado em temas relacionados a Educação de Jovens Adultos; Educação Inclusiva; Políticas Públicas de Educação. É membro e Coordenador do NAPNE-Núcleo de Atendimento a Pessoas com necessidades específicas e de Ações Inclusivas do IFNMG Campus Januária-MG.

Clara Selma Muniz Ribeiro nasceu em 19 de maio de 1963. Reside em Belo Horizonte. Bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais Unimontes e UFMG. Pós graduação: Especialização em políticas públicas. Atuou e publicou. Projetos: Coordenação de programa para agentes de medidas socio educativas. Artigos: “O programa Minha Casa minha Vida”, “Uma análise sobre o direito as águas no |||Brasil” – “Promoção da saúde- a trajetória da pastoral”

Atividades: Assessora de políticas públicas de juventude – Pbh: 2007 a 2008; Assessoria técnica em programa de governo: 2008 e 2010; Colaboradora em projetos sociais da Ong Moradia e Cidadania desde 2011; atualmente é Técnica do Observatório da Cultura popular – Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte



Reunião da CMFL no dia 3 de novembro na sede da AFAGO



Magos, sempre reis e Santos



Congado de Nossa Senhora do Rosário

Agradecimentos:

**Prefeitura Municipal de Belo Horizonte -
Fundação Municipal de Cultura**

**AFAGO - ASSOCIAÇÃO DOS FILHOS E
AMIGOS DE GOUVEIA**

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL
Número 03-16– Outubro - Dezembro 2016.

Acessível em [www.afagouveia.org.br/
ComissaoMineiraFolclore.htm](http://www.afagouveia.org.br/ComissaoMineiraFolclore.htm) ou www.folcloreminas.com.br

Diretor Responsável – José Moreira de Souza

Fotos: José Moreira de Souza, Raimundo Nonato de Miranda Chaves,

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

Diretoria da CMFL - 2014 - 2017

Presidente de Honra: Domingos Diniz

Presidente: José Moreira de Souza

Vice-presidente: Míriam Stella Blonski

Secretária: Juliana Correa de Carvalho Garcia

Tesoureiro: Raimundo Nonato de Miranda Chaves

Conselho Fiscal da CMFL

Antônio de Paiva Moura

Edméia da Conceição de Faria Oliveira

Luiz Fernando Vieira Trópia

IMPRESSO

Remetente

Comissão Mineira de Folclore

Rua Pires da Mota - 202

Bairro Madre Gertrudes

CEP – 30512-760

Belo Horizonte - MG

E-mail: folcloreminas@folcloreminas.com.br